CATARSE

Pedro Paulo Rodrigues Cardoso de Melo *

Todo processo de cura e ou de melhora é um processo catártico, uma purificação ou, de modo aristotélico, uma ação de buscar a pureza a partir do extermínio das *coisas* que sujamos em nossas vivências e convivências. No entanto, por não abrirmos mão de tais coisas, atitudes e relações, acabamos por adoecer.

Não abrimos mão de viver o que acreditamos nos *demonstrar* aos olhos do outro. Não abrimos mão de um casamento que sabemos fracassado; da representação de uma vida inexistente a qual não podemos sustentar; de uma infância que já passou e da não aceitação de uma velhice que já nos acompanha nas coisas que não podemos mais fazer; dos amores que sempre mudam de forma, ainda que não admitamos; da existência de um filho viciado devido suas normalidades, que também possuímos mas negamos; de uma crença divina que se estabelece como troca por uma possibilidade de viver eternamente, seja lá onde e como for; do pedantismo transfigurado em caridade, aceitação do diferente e de várias outras coisas que denunciam as fraquezas que nos fazem humanos.

Resumindo, catarse é coisa para quem não se tem medo e aí consiste a sua importância, pois, o não se ter medo é a raiz de uma vida sadia e autônoma, com toda sua loucura.

Pessoalmente, sou fã da loucura pelo que ela me revela e por tudo o que ela não esconde e por isto acredito em sua necessidade. A loucura despossibilita o homem de exercer as suas significações de arrogância e lógica sobre as coisas que ele denomina e depois, decreta como absoluta, inconteste e natural. Apenas a loucura espelha o homem na sua mais sublime condição humana, a impotência. É por isso, que depositamos a loucura e o louco na invisibilidade das nossas presenças, nos silêncios das nossas escutas, na arrogância das nossas falas e na cegueira dos nossos olhares. Promovemos o louco à condição de animal sem razão, de não homem, desaculturando a sua história e o desumanizando para crermos na crença da nossa humanidade individual.

*Psicólogo Clínico e Empresarial; Psicopedagogo; Psicanalista; Coordenador de Psicologia e da Clínica Escola de Psicologia da UNICAMPO; Palestrante e Conferencista.

Não por acaso, oferecemos à loucura o melhor de nossa mais íntima e integra negação e presenteamos os loucos com as sobras das nossas insignificâncias para não nos machucarmos. Foi exatamente por causa da loucura e dos loucos, que me tornei clínico e psicanalista. Não para entendê-los, mas para me aceitar no átrio dos não escolhidos do qual também faço parte e, por isso mesmo, necessito e utilizo-me da catarse. Na verdade, de muitas catarses, já que a vida é um constante processo torturante de desconstrução, que me humaniza nos pedaços de meus sofrimentos que preciso assumir.

Pessoalmente, também sou fã do abandono, por tudo o que ele diz que não sou apesar dos meus gritos de protestos. É por causa do abandono que somos obrigados a entender que o outro que escolhemos é o escolhedor do outro que somos, portanto, somos os dois, apenas mais um. Nem melhor, como queremos acreditar e nem pior, como geralmente somos. É pelo abandono que me subtraio de mim para entrar na condição de não ter que viver condenado às minhas recordações para sempre, ensimesmado no meu eterno egoísmo que sempre deixa entre o eu e o outro as minhas falas com as minhas interpretações. É este mesmo egoísmo que nos leva à mentira de que jamais somos abandonados, mas trocados para o nosso crescimento e não há nada mais arrogante do que acreditar ser trocado.

Somos deixados, descartados, largados e tudo, além disso, são arrumações mentais para melhor lidarmos com a dor de não sermos únicos e eternos nas vidas dos outros que, se pudermos, mataremos com o nosso amor. Precisamos da catarse para encarar o sujeito a abandonos que somos descobrindo que somos os maiores abandonadores. Não por acaso, só conseguimos esperar quem nos resgata de volta para nós, ou seja, nós mesmos, pois, todos os outros abandonamos. Tudo, além disso, é falsidade, apesar de não podermos assumir por causa do politicamente correto, já que é no bom comportamento que mostramos o valor do diploma de ator que ganhamos no curso que fazemos sem a opção de não fazê-lo.

É por isto que, pessoalmente, também sou fã do politicamente incorreto por tudo o que isto me possibilita. É o politicamente incorreto que me permite indagar porque as mentiras das aparências que crio tornam-se as vestes das vidas que

escolho levar. Ora, só procuramos a verdade quando vivemos na mentira e não há coisa mais endêmica no mundo do que o número de pessoas que vivem procurando a tal verdade. O pior de tudo é que todas elas encontram e se apegam às mesmas, mesmo que estas verdades sejam momentâneas e unicamente pessoais. É o politicamente incorreto que me faz ver que temos diretos por termos defeitos, apesar de nós e das nossas verdades sem defeitos. É o politicamente incorreto que me dá respaldo para assumir o quanto é depressivo ter que testemunhar a invasão da claridade do dia nas entranhas da escuridão escolhida na noite anterior e que teima em ficar tão pouco em minha companhia. É o politicamente incorreto que me permite ser ridículo sem medo, assumindo todas as feiuras que possuo. É o politicamente incorreto que deixa o meu olhar descarregado de promessas por me fazer saber sem negar que olhos de promessa merecem cobrança. É o politicamente incorreto que entende quando eu não quero precisar pedir perdão pelo o desnecessário e ainda assim me dá condição de perdoar-me.

Precisamos da catarse para assumir o sujeito politicamente incorreto que somos e precisamos ser. É fuçando nossas entranhas que entramos em contato com as nossas sombras e só então podemos perceber que muitas coisas que escondemos não precisavam estar na nossa escuridão. É pela catarse que descobrimos, via o politicamente incorreto, que traímo-nos sempre que desculpamos o indesculpável e nada há mais libertador que isso, pois tal descoberta capacita-me a dizer ao outro que antes de me vomitar pelo acúmulo do amor que o dispensei, que sinta o mal do bem que dei de graça. E isto, sem culpa nenhuma. Catarse é a única via para o lugar mais sagrado de cada ser humano: ele mesmo. Quando o homem entende isto ele é homem e quando não entende é animal que fala deixando tudo igual na sua farsa para economizar na conta do médico.

É por isto que catarse é para quem não se tem medo, apesar dos medos, já que todas as vezes que nos descobrimos alimentamo-nos do mesmo pânico de sempre. Este é o grande presente do processo catártico: meu maior monstro sou eu à espera do meu maior libertador que também sou eu.